

Seminário Internacional. Violência, Vulnerabilidade e Dignidade Humana: Desafios transversais da atualidade
Universidade de Évora – Colégio do Espírito Santo

CADERNO DE RESUMOS

Maria da Saudade Baltazar (Coord.) e Maria Teresa Santos (Coord.)

COMISSÃO ORGANIZADORA

Ana Beatriz Cardoso (Associação Ser Mulher); Maria da Saudade Baltazar (Departamento de Sociologia e Turismo / UÉ; CICS.NOVA.UÉvora); Maria Teresa Santos (Departamento de Filosofia / UÉ; CIDEHUS.UÉ); Teresa Veiga Furtado (Departamento de Artes Visuais e Design da EA/UÉ; CHAIA)

COMISSÃO CIENTÍFICA

Mara Clemente (Departamento de Sociologia e Turismo / Universidade de Évora; CICS.NOVA.UÉvora); Inês Rodrigues (Departamento de Filosofia / Universidade de Évora); Manuel Lisboa (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Universidade de Lisboa)

APOIOS

CICS.NOVA.UÉvora; CIDEHUS.UÉ; CHAIA.UÉ; ASM – Associação Ser Mulher ; Departamento de Sociologia e Turismo da Universidade de Évora; Departamento de Filosofia da Universidade de Évora; Departamento de Artes Plásticas e Design, Escola de Artes/UÉ; Câmara Municipal de Évora

NOTA INTRODUTÓRIA

Este caderno de resumos integra os textos das comunicações insertas no Seminário Internacional Violência, Vulnerabilidade e Dignidade Humana: Desafios transversais da atualidade, a realizar na Universidade de Évora, entre os dias 20, 21 e 22 de julho de 2026.

Trata-se do segundo evento internacional que as organizadoras inscrevem no âmbito do problema da violência em articulação com a Associação Ser Mulher. Em 2017, nos dias 13 e 14 de outubro, ocorreu o Colóquio Internacional Violência doméstica: olhares sem fronteira e que também se estendeu diretamente à referida Associação com o mesmo objetivo mobilizador: fomentar a relação entre academia e comunidade. Uma relação que se orienta epistemologicamente pela identificação de problemas humanos emergentes e pela busca de respostas. Uma busca que corresponde ao compromisso social da universidade.

Sendo a violência um problema emergente e persistente que está a redimensionar-se socialmente por via das redes sociais e do movimento migratório, tornou-se pertinente a realização de novo encontro académico. Foram mantidos os três critérios que orientaram a organização anterior:

- a dinâmica interdisciplinar, pela oportunidade em criar experiências que conectam conteúdos e ampliam a compreensão;
- a internacionalização, privilegiando-se o contacto com o Brasil e com Espanha por razões linguística e fronteiriça;
- o diálogo mútuo entre universidade e comunidade, visando-se o conhecimento da realidade e a compreensão dos problemas sociais.

Por conseguinte, o seminário reafirma-se como espaço privilegiado de interação entre docentes, investigadores e responsáveis institucionais insertos na sociedade, todos interessados em abordagens críticas e fundamentadas da essencial necessidade de compreensão das vulnerabilidades humanas. Sendo a violência um fator de vulnerabilidade, impeditivo da dignidade humana e do bem-estar pessoal e social, impôs-se como problema congregador dos trabalhados a apresentar no Seminário. Em suma, o Seminário dá continuidade à iniciativa de 2017 que partiu da ideia de

estabelecer planos de ação entre universidades e outras entidades públicas e privadas com vista ao bem-estar comum.

Os resumos das comunicações encontram-se organizados de acordo com eixos temáticos abrangentes e concordantes com os critérios organizacionais:

- Feminismos na pós-modernidade: entre progressões e regressões
- Perspetivas sobre violências sexistas e sexuais
- Desregulação emocional e violência doméstica
- Tecnologias digitais e violência
- Vulnerabilidades e violência: contributos da interseccionalidade
- Quebra-silêncios que ajudam a curar e a cuidar

Espera-se que este Caderno de Resumos contribua quer para a divulgação de ideias e questionamentos, quer para o aprofundamento da realidade social e compreensão do fenómeno da violência. As coordenadoras expressam o seu agradecimento aos participantes e membros da comissão científica, bem como às instituições que contribuíram para a realização deste seminário.

Maria Teresa Santos e Maria Saudade Baltazar

RESUMOS

Violencia de género en la sociedad red control patriarcal y nuevas formas de agresión digital

Ana Isabel Blanco (Universidad de León / APECONE – Asesoramiento Psicológico y Educativo, Comunicación y Neurociencias)

El desarrollo de Internet y de las tecnologías digitales ha transformado profundamente las formas de interacción social, generando nuevos espacios para la producción y reproducción de las desigualdades. En este contexto, la violencia contra las mujeres no desaparece con el progreso tecnológico, sino que adopta configuraciones renovadas en los entornos digitales. Lejos de constituir fenómenos aislados, prácticas como el ciberacoso, la difusión masiva de contenidos vejatorios o las dinámicas de vigilancia y hostigamiento en redes sociales prolongan mecanismos tradicionales de control patriarcal. La sociedad red amplifica estas formas de violencia al incrementar su alcance, velocidad y persistencia, favoreciendo procesos de exposición pública y revictimización. Desde una perspectiva sociológica, esta intervención analiza la continuidad estructural entre desigualdad de género y violencia digital, así como los desafíos teóricos y sociales que plantea la construcción de entornos tecnológicos más justos e igualitarios.

Mapeamento da Violência: Tendências, Indicadores e Desafios Atuais

Dalila Cerejo (FCSH – UNLisboa; Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais / UNLisboa – CICS.NOVA / Observatório Nacional da Violência)

A apresentação propõe uma reflexão sobre a evolução do conhecimento sociológico produzido em Portugal sobre a violência de género, a partir dos dados dos inquéritos nacionais realizados pelo Observatório Nacional de Violência e Género desde 1995. Partindo deste percurso de produção regular de conhecimento empírico, a comunicação procurará evidenciar o contributo destes instrumentos para a visibilização do fenómeno, para a sua inscrição na agenda pública e para a fundamentação de políticas de prevenção e combate à violência de género. Será dada particular atenção ao mais recente inquérito, realizado durante o período da pandemia de COVID-19, procurando discutir de que modo esse contexto agravou vulnerabilidades já existentes, intensificou situações de isolamento e tornou mais visíveis as articulações entre violência, desigualdades de género, dependência económica, trabalho de cuidado e espaço doméstico. A comunicação procurará, assim, articular a leitura longitudinal dos inquéritos nacionais do ONVG com uma reflexão crítica sobre permanências, mudanças e desafios atuais no estudo e na intervenção sobre a violência de género em Portugal.

Tráfico, anti-tráfico e violência

Mara Clemente (Universidade de Évora / Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais – CICS.NOVA.UÉvora)

A apresentação propõe uma análise crítica dos atuais sistemas de combate ao tráfico de seres humanos. Com base em mais de uma década de investigação etnográfica e

multissituada, o seu foco central reside na exploração das formas de violência que emergem das próprias políticas e práticas destinadas a combatê-lo. A análise estrutura-se em três eixos fundamentais:

- i. o paradoxo do controlo: analisa-se como o controlo das migrações e a gestão securitária das fronteiras, embora apresentados como solução, atuam como a principal causa de produção do risco e da exploração, moldando as trajetórias de tráfico que afirmam combater;
- ii. o paradoxo do cuidado: examina-se a subordinação da proteção das vítimas a normas que resultam na anulação da sua agência e das suas expectativas com o resultado da sua revitimização;
- iii. o paradoxo sistémico: explora-se como os sistemas de combate ao tráfico, ao cercearem as escolhas de vida e precarizarem as condições laborais dos profissionais que nele operam, acabam por ampliar a violência em vez de a mitigarem. Face à limitada capacidade do atual combate ao tráfico responder ao imperativo de erradicar a violência, a apresentação explora as possibilidades de uma reconfiguração radical das suas premissas e práticas

Violência, desregulação e vulnerabilidades relacionais: sentir o Corpo por Dentro

Joana Machorrinho e Graça Duarte Santos (Universidade de Évora / CHRC – Comprehensive Health Research Centre)

É na relação com o outro que o mundo à nossa volta ganha contornos, conteúdos e dimensões múltiplas. Sentir violência numa relação de intimidade é uma experiência traumática capaz de moldar a vivência do mundo interno da pessoa, mas também o seu olhar (e alcance) do mundo que a envolve. Estudos apontam para um impacto multidimensional da violência na saúde física e mental da mulher, mas também na sua qualidade de vida, comportamento e vivência emocional das relações. Sabe-se que é no corpo que nascem as aprendizagens, as emoções e as relações, mas só recentemente se passou de olhar as feridas que a violência inflige no corpo, para olhar aquelas que ficam na vivência, na vitalidade e no significado desse mesmo corpo. Nesta comunicação apresentamos testemunhos e resultados de vários estudos sobre a vivência corporal (embodiment) de mulheres vítimas de violência numa relação de intimidade, os quais nos permitem criar hipóteses sobre o papel da regulação atencional, emocional e fisiológica na saúde e vivência relacional da mulher vítima de violência.

Arte Multimédia, Ensino e Igualdade de Género: o projeto de investigação artística *Cabaz Digital*

Teresa Veiga Furtado (Departamento de Artes Visuais e Design /EA/ CHAIA–UÉ)

A comunicação apresenta o projeto de investigação em artes *Cabaz Digital: Laboratórios Multimédia pela Igualdade de Género*, desenvolvido pelo Centro de História de Arte e Investigação Artística da UÉ, a partir da exposição *Cabaz Digital: Arte, Género, Investigação e Ensino*. Assente numa metodologia de *arts-based research*, o projeto articula investigação, ensino e criação artística multimédia para promover uma reflexão crítica sobre a igualdade de género. A exposição reúne trabalhos de estudantes do Departamento de Artes Visuais e Design da Escola de Artes da UÉ e de escolas parceiras como a Escola Secundária Gabriel Pereira e a Escola Secundária de Montemor-o-Novo, evidenciando a prática artística como método de investigação, estratégia pedagógica e forma de produção e disseminação de conhecimento. A apresentação destaca o potencial da investigação para fortalecer a ligação entre universidade, escolas e comunidade, contribuindo para práticas educativas e culturais comprometidas com a igualdade de género e a transformação social.

Desconstrução de estereótipos de género e liderança paritária na construção do futuro

Sara Falcão Casaca (Instituto Superior de Economia e Gestão – Universidade de Lisboa / ISEG Research)

A apresentação centra-se na liderança das mulheres nas empresas em Portugal. Evidencia-se a persistência da segregação sexual vertical e das barreiras à progressão profissional, apesar dos avanços registados na representação feminina nos órgãos de

gestão após a entrada em vigor da Lei n.º 62/2017, de 1 de agosto. A análise destaca o papel dos estereótipos de género e das representações sociais que associam a liderança a atributos tradicionalmente considerados masculinos, contribuindo para enviesamentos nos processos de recrutamento, avaliação e promoção. Os resultados sugerem que o aumento da presença de mulheres em cargos de liderança não garante, por si só, igualdade substantiva. Defende-se a necessidade de transformar estruturas, práticas e culturas organizacionais através da integração transversal da perspetiva de género, promovendo organizações mais paritárias, inclusivas, e capazes de contrariar mecanismos persistentes de desigualdade.

El acoso de custodia como violencia vicaria tras divorcios conflictivos

Marcela Jabbaz Churba (Universitat de València / Institut d' investigació: University Institute of Women's Studies (IUED)

La ponencia aborda el denominado acoso de custodia como una forma de violencia de género vicaria que emerge, especialmente, en procesos de separación conflictiva. La investigación muestra diferencias en la percepción del conflicto: mientras las mujeres lo sitúan en experiencias previas (violencia, desigualdad en los cuidados), los hombres lo ubican tras la separación en torno a bienes y a la custodia de los hijos e hijas. Además, el sistema judicial tiende a priorizar hechos recientes, invisibilizando las trayectorias de desigualdad. La ponencia critica la judicialización de la vida familiar, la instrumentalización de hijos e hijas como mecanismo de presión y los acuerdos desiguales alcanzados en contextos de vulnerabilidad. También se ponen en cuestión los informes psicosociales por la ausencia de perspectiva de género. Finalmente, se subrayan déficits estructurales del sistema judicial: escasa escucha a menores, doble rasero en la evaluación parental y persistencia del conflicto tras las sentencias, configurando dinámicas prolongadas de control y desgaste que se prolonga en el tiempo.

La construcción social de la violencia sexual. La formación de la sexualidad en menores y adolescentes en la era digital
Rebeca Subsierra Abad (Universitat de València / Institut d' investigació: University Institute of Women's Studies (IUED)

La violencia sexual contra niños, niñas y adolescentes es una cuestión de orden social y tiene un alcance global. La presente investigación pretende analizar la emergencia de la violencia sexual que se produce en el grupo entre iguales. El aumento de delitos con violencia sexual por parte de menores de sexo masculino, contra niños, niñas y adolescentes no es debido a un aumento correlativo de los problemas psicopatológicos. Esta investigación sostiene la posibilidad, que pretende indagar, que se deba a la emergencia de un fenómeno nuevo: el acceso temprano al consumo y producción de pornografía infantil en su grupo entre iguales. En este sentido, se hace alusión a una nueva conceptualización sobre un posible nuevo concepto de pornografía infantil virtual creada a través de los smartphone entre dicho universo poblacional. Esta investigación comprende que posiblemente se esté configurando en el grupo entre iguales un nuevo fenómeno que se desvincula totalmente del concepto tradicional de pornografía infantil de pedófilos y pederastas, creándose un ideario de sexualidad en edades tempranas que tiene consecuencias en sus comportamientos de consumo, producción y distribución de material de carácter sexual en su grupo entre iguales (sexting, grooming, entre otros). Es decir, esto significa que son las y los menores de edad que de manera naturalizada y posiblemente inconsciente estén produciendo y distribuyendo material de carácter pornográfico y, en ocasiones, violento debido al consumo exacerbado de redes sociales que contienen material de carácter sexual no adaptado a su edad, el uso de la IA y consumo de producciones de contenido pornográfico.

IA e Educação para a Cidadania: Radicalização de Discursos nas Redes Sociais e seus Impactos
António Barata Lopes (Conselho Nacional da Educação) e **Luís Moniz Pereira** (Professor Emérito da Universidade Nova de Lisboa)

Vivemos numa era paradoxal: nunca tivemos acesso a tanta informação, mas nunca

estivemos tão expostos a conteúdos construídos com a finalidade de manipular as nossas perceções. As redes sociais, inicialmente celebradas como ferramentas ao serviço da democratização, por darem voz a todos os cidadãos, transformaram-se em ecossistemas onde proliferam os discursos de ódio, ameaçando a coesão social e a qualidade do debate argumentativo. Graças à internet, tais redes têm limitações de fronteiras residuais e permitem relações em tempo real com quase todo o planeta. Da parte do utilizador, a exposição contínua a conteúdos polarizadores está correlacionada com aumento de intolerância política e erosão do pensamento crítico, incluso o autocrítico. Surge então a necessidade de detalhar alguns aspetos relativos ao uso das ferramentas de IA neste contexto, pois estamos a falar de tecnologias que são tudo menos neutras. Os algoritmos que governam o que vemos, quando vemos e como interagimos desempenham um papel central na amplificação de conteúdos, e a formação de “bolhas de opinião”. Compreender o como e o porquê deste processo é fundamental para sabermos lidar com ameaças, mas igualmente com oportunidades. Nesta comunicação, exploraremos:

- as características dos algoritmos que gerem as redes sociais e respetivos propósitos;
- a necessidade de incrementar a literacia em IA enquanto base de conhecimento para o pensamento crítico;
- a urgência da revalorização de instâncias de mediação de vária ordem; quer no mundo virtual quer no real.

Redes de apoio à violência de género na Universidade: lugares de escuta
Maria do Socorro Ferreira Osterne (Universidade Estadual do Ceará)

O reconhecimento do fenómeno da violência doméstica tem impulsionado a criação de vários mecanismos de prevenção, apoio e orientação no seio das universidades. A Universidade Estadual do Ceará criou serviços intersectoriais de âmbito psicossocial e plataformas de denúncia acessíveis às vítimas diretas e indiretas de violência. Neste sentido, abriu e sustenta o Centro de Referência e Apoio à Vítima de Violência (CRAVV) que regista e trabalha, a nível psicológico, social e jurídico, ocorrências tentadas ou consumadas de homicídio, tortura, latrocínio e crimes sexuais. Como se informa no site, o “CRAVV se propõe a dar uma maior visibilidade às vítimas e suas demandas, contribuindo para a superação dos danos causados pela violência, e a colaborar com as ações governamentais de prevenção e enfrentamento à violência”. Neste enquadramento, apresenta-se o CRAVV como um serviço de referências instalada na Universidade Estadual do Ceará, abordando os seguintes pontos: Coletivo Gestor; Violência contra as mulheres na Universidade: A experiência do núcleo de Acolhimento Humanizado às Mulheres em Situação de Violência – (NAH-Universidade Estadual do Ceará-Brasil – UECE); Histórico e Resolução de situações; Missão; Finalidade e Atribuições; Público Atendido; Como se Organiza; Diretrizes e Bases Legais do Acolhimento; Base Conceitual; Violência contra as Mulheres na Universidade; Fluxo das Denúncias na UECE; Protocolo do Acolhimento; Atribuições da Coordenação; Atribuições da Equipe Multiprofissional; Instrumental; Perfil das Mulheres Atendidas; Perfil das violências e Agressores; Acolhimento Humanizado às Mulheres; Armadilhas a serem evitadas; Parcerias Externas; Comentário Avaliativos sobre a Experiência.

Quo Vadis? – caminhos para a tutela efetiva dos direitos das vítimas de violência doméstica: 10 anos
Ana Beatriz Cardoso e Helena Barahona (Coordenadoras da Associação Ser Mulher / Évora)

A intervenção de 10 anos da Associação Ser Mulher no Distrito de Évora no âmbito da Rede Nacional de Apoio a Vítimas de Violência Doméstica. Destaca-se a ampliação das respostas através da Estrutura de Atendimento (ETAV), com protocolo com nove municípios, e da Resposta de Apoio Psicológico (RAP) para crianças e jovens, centradas na promoção dos direitos humanos das vítimas. A integração de dinâmicas artísticas e cocriativas junto de mulheres e crianças vítimas de violência doméstica, como ferramentas de recovery, autonomia, cidadania, sensibilização, ativismo e mudança. Sob o repto Quo vadis?, nos 50 anos da Constituição da República Portuguesa, reflete-se sobre a definição e implementação de políticas públicas e sobre a persistência de

estereótipos de género e fenómenos de revitimização na proteção de mulheres e crianças, em linha com o Relatório do GREVIO (2025) e da ONU (Alsalem, 2026).

Os quebra-silêncios que ajudam a curar Mulheres e jovens vítimas de violência doméstica: apoio dos serviços de saúde
Susana Teixeira (Direção-Geral da Saúde - Delegação Regional de Saúde do Norte)

A violência doméstica constitui um grave problema de saúde pública, de natureza intergeracional, com impactos profundos na saúde física, mental e social, particularmente em mulheres, jovens e crianças. Expressa uma rutura profunda da relação humana marcada pela negação da alteridade e pela exploração da vulnerabilidade. Neste contexto, os serviços de saúde assumem um papel estratégico não só enquanto espaços privilegiados de acolhimento, deteção precoce e encaminhamento, mas também como espaços éticos singulares de encontro e cuidado, funcionando muitas vezes como primeira “quebra silêncios” nos percursos das vítimas. Para além da resposta necessariamente clínica, a intervenção em saúde convoca uma coresponsabilidade ética fundada nos direitos humanos. O contributo do Programa Nacional de Prevenção da Violência no Ciclo de Vida (PNPVCV) e o papel estruturante da Rede de Pontos Focais Institucionais para as Comunidades Vulneráveis (PFI_CV) na Região Norte, contribuem para estratégias articuladas, colaborativas, inclusivas e promotoras do respeito pela dignidade humana. A partir deste enquadramento ir-se-á abordar o PNPVCV que incorpora equipas especializadas de combate á violência nomeadamente, Núcleos de Apoio a Crianças e Jovens em Risco e as Equipas de Prevenção da Violência no Adulto, existentes nos Cuidados de Saúde Primários e Hospitalares nacionalmente, salientando-se a articulação coma rede de PFI_CV da região norte.

Um olhar pelo fenómeno da violência contra as pessoas: o que ainda falta fazer à luz da Convenção de Istambul
Miguel do Carmo (Coordenador da Procuradoria da República da Comarca de Évora / Gabinete da Família, da Criança, do Jovem, do Idoso e contra a Violência Doméstica)

A intervenção tentará evidenciar os marcos evolutivos do combate à violência contra as Mulheres à luz das determinações da Convenção de Istambul, tendo presente que decorreram já mais de 10 anos sobre adesão de Portugal à Convenção. Evidenciando o que se fez e o que ainda falta fazer. Quer no domínio das necessárias alterações dos paradigmas culturais e sociológicos, quer ainda na perspetiva da prevenção e repressão criminal, incluindo, naturalmente, a dimensão de articulação funcional entre os diversos atores no sistema de justiça mas também da sociedade civil, com a inevitável conclusão de que estamos perante fenómenos que não podem ter apenas uma resposta criminal.

Narrativas de violência: o efeito terapêutico da escrita
Helena Marques (Escola Secundária Rainha Santa Isabel, Estremoz)

Enquanto vítima acompanhada num processo de psicoterapia multifocal, reconheço na escrita um espaço de reorganização da experiência vivida. Narrar a violência permitiu-me transformar episódios fragmentados e emocionalmente avassaladores em sequências com sentido, onde a dor deixa de ser apenas reativa e passa a ser elaborada. Ao escrever, estabeleci novas relações funcionais entre memória, emoção e linguagem, reduzindo as “janelas de sombra” e promovendo contacto com eventos privados, antes intoleráveis. Este processo favoreceu a emergência de respostas mais adaptativas, sustentadas pela validação e pela consciência crítica. Integrada no painel “Os quebra-silêncios que ajudam a curar”, esta reflexão sublinha a escrita como ato terapêutico: um mecanismo de exposição, simbolização e reconstrução narrativa, capaz de interromper ciclos de silêncio e contribuir para a reparação psicológica. “Nas folhas, com os dedos de um corpo por vezes cansado, das lembranças, das dores, combinei palavras e construí frases como quem está a parir um filho e sente o alívio e a alegria que é poder vê-lo fazer-se.”